

RAIMUNDO: O PROFESSOR OBSOLETO

Roberto Ramos

O século XX tem sido palco de transformações substantivas na Comunicação. O fluxo de informações abreviou as distâncias geográficas. Espelha a onisciência do homem em todos os cantos do universo e o seu domínio sobre os pressupostos da natureza.

Há algumas décadas, talvez, a mais fantasiosa obra ficcional tivesse pouca imaginação, para antever as circunstâncias deste final de século. A sociedade contemporânea é movida pela informação. Em nenhum outro momento histórico, como agora, se produziu tanto texto, tantas imagens e tantos símbolos.

Os Meios Massivos de Comunicação representam uma das mais importantes instâncias de Poder. Configuram uma personalidade, particularizada, de instituição pós-moderna. São empresas, que produzem e reproduzem a Infra-estrutura (o econômico) e a Superestrutura (o ideológico), como uma mercadoria única, indissociável.

Neste cenário, a televisão tem a hegemonia. É multimídia por excelência. Absorveu a imagem do Cinema, o som do Rádio e o texto da Imprensa. Atualmente, já se concilia com as novas tecnologias, propostas pela Informática. Com tais recursos, consegue mimetizar a realidade, com a Verossimilhança mais adequada à legitimação das estruturas instituídas.

Algumas experiências de programas infantis da televisão norte-americana vem tentando substituir a Educação Formal. Foi o caso de Sesame Street, produzido pela Children's Television Workshop (CTW), a partir de 1968, como detalha Armand Mattelart (1976):

"O princípio em que se baseia Sesame Street, para fundir o divertimento e a educação, consiste em apoiar-se nos reflexos condicionados, que a televisão comercial criou no público infantil... É, nesse postulado fundamental, que se encontra a opção ideológica dos produtores da teleducação norte-americana (...)"⁴.

A fusão do divertir com o educar é um dos objetivos da Comunicação

R.FAMECOS	Porto Alegre	n.3	p.34-41	setembro 1995	semestral
-----------	--------------	-----	---------	---------------	-----------

REVISTA FAMECOS

Massiva, para alargar a sua hegemonia na sociedade contemporânea. Ela já chamou para si tarefas pertencentes, outrora, à Família e à Religião. Agora, o faz em relação à Educação Formal.

No Brasil, o Rádio nasceu com perspectivas educacionais. Era a proposta da primeira emissora, a Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923, por Roquette Pinto e Henrique Moritze. Inspirados nas idéias de Bertold Brecht, eles buscavam transmitir educação e cultura.

Na década de 20, a Radiodifusão era um empreendimento amadorista. Sobrevivia, basicamente, através de contribuições espontâneas e do pagamento de taxas de quem adquirisse um aparelho receptor. As emissoras estavam organizadas como clubes e sociedades culturais, norteadas pelo Valor de Uso.

O Decreto-Lei 21.111, de 1932, alterou a situação. Autorizou a liberação de anúncios publicitários. Houve a implantação de um modelo comercial, de inspiração norte-americana. As emissoras se tornaram empresas, inseridas nas relações do modo de produção capitalista, movidas pelo Valor de Troca. As suas programações, voltadas para o mercado, se transformaram em mercadorias.

O humor, caricaturizando a Educação Formal, surgiu com Vital Fernandes da Silva, o Nhô Totico, criador da Escolinha da Dona Olinda, uma professora de bons modos no rádio, na década de 30.

Os personagens eram representativos da sociedade da época. Havia o Minguinho, Flor de Estufa, o filho do doutor; Mingote, o nordestino; Mingau, o italiano; Seu Jorge, o preto velho; Sebastião, o caipira; Socorro, o japonês; e Manoel, o português (Piovezan e Solato: 1992).

A representatividade étnica e social dos personagens já evidenciava uma perspectiva massificante. A adoção do modelo comercial, com a supremacia do Valor de Troca, acabou cavando um distanciamento de propósitos entre a Radiodifusão e a Educação Formal, que, gradualmente, se converteu em adversidade. Na década de 50, a migração dos gêneros e profissionais radiofônicos ocorreu por razões econômicas. Foi a saída, encontrada por Assis Chateaubriand, para dar oxigênio ao pioneirismo da sua TV Tupi. Representou a garantia da sobrevivência mercadológica.

A Escolinha do Professor Raimundo (EPR) foi criada, em 1952, na Rádio Mayrink Veiga, por Haroldo Barbosa. Depois, migrou, em 1957, para a TV Rio, passando pela Excelsior, pela Tupi, até chegar à Globo, como programa independente em 1990.

Há 43 anos no ar, somadas as suas trajetórias no rádio e na televisão, a EPR é um programa singular. Diverte, transmitindo informações da Educação Formal. Mimetiza o universo de uma sala de aula, com particularidades de uma linguagem específica.

Existem diferentes possibilidades de leitura da EPR. Neste breve ensaio, o objetivo será fazer uma Análise de Discurso, como uma técnica do Método de Análise de Conteúdo, conforme Laurence Bardin (1977). Buscará

compreender a ideologização do professor, através do personagem, Raimundo, e de seu relacionamento com Dona Bela (Zezé Macedo) em uma cena.

A análise terá categorias a priori. Disporá da Teoria de Ideologia em Geral, de Louis Althusser, fixada no *Fait-divers*, de Roland Barthes, por intermédio das práticas dos sujeitos, de seus nomes e de seus bordões (frases e expressões, feitas), do manifesto e do latente. Contará, também, com o conceito de Diversão, desenvolvido por Theodor Adorno e de Max Horkheimer.

IDEOLOGIA

Althusser (1983) formula uma Teoria de Ideologia em Geral, com duas teses básicas. Primeira: ela é uma relação imaginária que os indivíduos têm com as suas condições reais de existência.

Segunda: Possui materialidade, transformando-se em práticas. Toma o indivíduo concreto em sujeito concreto, livre, para ser submisso.

Na Ideologia, existe um Sujeito Absoluto (uma abstração a-histórica, um espelho imaginário).

Neste, os sujeitos relativos (históricos) devem se espelhar, livremente, para, a ele, se submeter.

Tais práticas ocorrem nos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

Os AIE são instituições distintas e especializadas, que em suas linguagens específicas, orquestram a Ideologia Dominante. São, entre outros, os seguintes: o Religioso (o sistema de diferentes igrejas), o Escolar (o sistema de escolas públicas e privadas), o Político (o sistema eleitoral e partidário), o Sindical (o sistema de organização dos sindicatos), o de Belas Artes (letras, esportes, etc.), o Judiciário e o Familiar (1983).

A Ideologia Dominante não é realizada, magicamente, nos AIE, porém como decorrência da luta de classes. O exercício do poder passa pela hegemonia sobre e nos AIE que, em suas pluralidades e contradições, reproduzem as relações de produção, verifica Althusser (1983).

Um dos gêneros, usado pelo AIE de informação, sobretudo, pela televisão, para reproduzir as relações de produção, é a Diversão. Theodor Adorno e Max Horkheimer (1987) o conceituam como o "colocar-se em acordo". Eles oferecem outros detalhamentos:

"(...) Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento, até onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base... A liberação prometida pela Diversão é a liberação do pensamento como negação (...)".

No âmbito da Diversão está em jogo um pacto. Há a necessidade de se harmonizar com a realidade social. Aceitá-la, reprimindo qualquer perspectiva de pensamento que a negue. É o "colocar-se em acordo" com as estruturas hegemônicas, com o instituído.

Também, no AIE de Informação, encontram-se os *Fait-divers* ("casos do dia"). São informações que carregam a anomalia, o insólito, o excepcional, de

acordo com Roland Barthes (1971). Um de seus tipos é o **Fait-divers de Coincidência de Antítese**, que aproxima e sintetiza os antagonicos em uma única realidade. A relação de Coincidência conduz a uma idéia de irresponsabilidade histórica, de destino, de fatalidade do real.

A idéia de Fatalidade do Real, do **Fait-divers de Coincidência de Antítese**, se compatibiliza com Althusser. É o Sujeito Absoluto (a abstração a-histórica, o espelho imaginário), que mantém toda a subjetividade. Ainda, possui pertinência com a Diversão (colocar-se em acordo), de Adorno e Horkheimer. Logo, neste particular, a Ideologia é o colocar-se em acordo com a Fatalidade do Real.

PROFESSOR RAIMUNDO

Natural do Ceará, Chico Anysio iniciou a sua trajetória de humor na Rádio Mayrinck Veiga, onde foi criada a EPR, e, depois, a levou para a TV Rio. Tem um talento multifacetado: ator, produtor, diretor, compositor, escritor e pintor. É, por excelência, um multimídia. Na TV Globo, ele conseguiu, com os seus personagens, os êxitos dos programas Chico City e Chico Anysio Show.

A EPR era o quadro de maior sucesso do Chico Anysio Show. O humorista sugeriu a transformação em um novo programa. O que foi aceito pela direção da Globo. A estréia aconteceu em 4 de agosto de 1990. Na época, Anysio (1990) justificou a iniciativa:

"Com ela, não se está fazendo uma tentativa. É um sorvete gelado no calor".

A metáfora realiza uma metalinguagem da EPR. Existe a aproximação de "sorvete gelado", uma redundância, que serve para reiterar o antagonismo com "calor". Acontece, portanto, uma Antítese, sintetizada em uma única realidade: o programa. É um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

Anysio, ao conceituar a EPR, por intermédio de uma metáfora, realizou um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**. Sinalizou, minimamente, que essa tipologia seja a estrutura constituinte, constante, supratemporal e supra-espacial de sua linguagem.

Com nitidez, o humorista traça o perfil de seus personagens e os seus veículos com a realidade brasileira (1981).

"Os meus personagens são pobres dentro da realidade brasileira (...) Nós somos um país com fome, sem roupa, um país, onde não se sabe que dois mais dois são quatro, que, na verdade, atualmente, já são 19, não é? A maioria é analfabeta. Eu não posso trabalhar para o cara que não paga ingresso (...)".

O depoimento é revelador. Indica as características fundamentais de seus personagens, criados em sintonia com o contexto nacional. Evidencia, também, a preocupação com o público-alvo, as classes "D" e "E", tendo como mecenas o Valor de Troca.

O Reitor do Mosteiro de São Bento, Dom Lourenço de Almeida Prado (1993), pronuncia as suas inquietações com o tratamento que a televisão

concede à figura do professor. Ele não economiza críticas a Raimundo, salientando os seguintes aspectos:

(...) O próprio fato de o professor tratar as ações infantis nas medidas infantis, como levar a sério as pequenas faltas das crianças, torna fácil mostrá-lo como ingênuo ou tolo. Em relação à atividade escolar, também, se tende a mostrar o esperto, como triunfante, e o bom aluno, como meio aluno, o que é uma lástima. Já não falo dessa Escola do Professor Raimundo. Aí, já não é mais a escola a ultrajada; é a própria dignidade da criatura humana. É uma afronta à nobreza humana, é a apresentação do homo sapiens, como uma criatura por natureza ignóbil".

A designação do programa "Escola", no diminutivo, indica, pela lógica, a presença de crianças.

Entretanto, os "alunos" da EPR são adultos, inclusive, alguns com idade avançada, sem qualquer referência sobre a disciplina e sobre o nível de estudo.

Existe uma dicotomia de significações. O nome refere um sentido, porém os personagens o contrariam, expressando uma outra realidade. Tal antagonismo se encontra unificado em única perspectiva. É o **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

O Professor Raimundo (Chico Anysio) possui cabelos longos e grisalhos, com uma idade avançada. É um estereótipo professoral, no mínimo, pouco comum na realidade. Representa um tipo do passado no presente. Essa dualidade temporal, sintetizada em uma pessoa, materializa um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

Cabe examinar o relacionamento de Raimundo com Dona Bela. No latim, Bela expressa "pessoa bonita, formosa, encantadora, agradável". Ela desmente, contudo, todos esses possíveis atributos. É feia, sem formosura, sem encantos, sem agrados: uma anti-musa, mas é a musa de Raimundo. Surpreende-se, aí, outro **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

Vale analisar uma cena, envolvendo os dois personagens (1993):

De fundo, estão colocadas as canções: Carinhoso e Tema de Lara, marcadas nas suas especificidades, pelo romantismo. Neste clima, o professor aborda a "aluna", declarando a sua paixão. Em seguida, ele pergunta:

- Alguma vez, a senhora já comeu uma miga?
- Não é possível... Polícia, bombeiros... Só pensa naquilo...
- Falei uma miga.

Bela funde a vogal a, última letra do artigo indefinido - uma - , com miga (no caso, significando pedaço de pão, embebido de café), soando uma amiga. Mistura duas coisas diferentes, como se fossem apenas uma: **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

A interpretação da "aluna" caracteriza o seu bordão - Só pensa naquilo... Ela articula a declaração, anterior, de Raimundo, com a pergunta posterior, transformando o prazer oral em prazer sexual. Quem só pensa naquilo é ela

própria, porém, para se eximir de culpa perante o seu moralismo e de sua aludida virgindade, utiliza o Mecanismo de Defesa de Projeção. Acusa Raimundo de tê-lo feito. Projeta, no outro, o que é o seu desejo reprimido. O seu problema inconsciente é convertido em um problema consciente do professor. Mais um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**. Inebriado diante da musa, Raimundo trata apenas de se defender das acusações de assédio sexual. Não obteve a resposta pretendida. Não faz nenhuma avaliação da "aluna". Tal omissão e privilegiamento são justificados e sacralizados pelas benções do amor.

Raimundo possui dois bordões. Um é o "Vapt-Vupt", utilizado para chamar os intervalos comerciais. Insinua o sentido de brevidade, uma espécie de "já volto". Existe, na grafia, somente a troca de uma letra: o a pelo u. Uma é o contraponto da outra, já que as demais são iguais. Outro **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

Também, sobre as duas letras, há mais um aspecto a considerar. Ambas são vogais, porém se diferenciam. O a é Medial, quanto à zona de articulação, e Aberta, quanto ao timbre; o u, respectivamente, Posterior e Fechada. São semelhantes e, ao mesmo tempo, dissemelhantes: um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

O "Vapt-Vupt" dá prêmios nas cartelas do Plano de Sorteio, Papa-Tudo, das Organizações Globo.

Quem o encontrava, ganhava R\$ 5 mil; agora, aumentou para R\$ 10 mil. Raimundo faz peças publicitárias e insere Merchandising deste jogo-de-azar na EPR.

A pronúncia do Vapt-Vupt refere duas significações simultâneas: o 'já volto' e a premiação. Estabelece um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**. Raimundo passa a ser, também, dois em um: professor e garoto-propaganda. Novamente, um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

O Merchandising é a publicidade fora dos intervalos comerciais, implícita a um contexto de um programa. O objetivo da EPR é o divertimento, mas acopla a esta o Merchandising do Papa-Tudo. São duas metas sem vinculação que passam a ser vinculadas como uma só. Constrói mais um **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

O próprio envolvimento da EPR com o jogo de azar ratifica uma constatação. O ser premiado ou não depende de um coincidir de antíteses: sorte e azar. Evidencia, como já o fizera, anteriormente, Anysio, a pertinência do estudo do programa, através do **Fait-divers de Coincidê**

Adquire a fisionomia de um instrumento de conscientização.

Historicamente, o Brasil não tem se notabilizando na valorização da Educação Formal. Sai século e entra século e ela é vista, em sua generalidade, como um artigo de segunda necessidade. O analfabetismo e os baixos salários dos professores são indicadores do descaso oficial.

O Rio Grande do Sul não foge à regra. Na rede estadual, com o nível I, o professor recebe R\$ 68,37, mais R\$ 44,54, de abono. Na municipal, o mesmo nível remunera com R\$ 272,30. Eis a dimensão dos baixos salários.

Mesmo parecendo justo, o bordão não se encontra isolado. Está cercado e banhado pelo contexto de Raimundo. Ele não ensina nada. Apenas informa, quando os "alunos" não sabem responder. Ainda, aborda, romanticamente, uma "aluna" e se submete ao Valor de Troca, fazendo Merchandising do Papa-Tudo.

O que parecia, à primeira vista, isoladamente, um instrumento de conscientização, quando contextualizado se transforma em legitimação. Quem não ensina, fatura com Merchandising e se apaixona em aula, possui autoridade para reivindicar salário? Não. O questionamento se converte em legitimação da baixa remuneração: outro **Fait-divers de Coincidência de Antítese**.

Foi possível verificar o uso do **Fait-divers de Coincidência de Antítese** na EPR, fundamentalmente, em uma cena. É a estrutura que a constitui, constantemente, de modo supratemporal e supra-espacial, que interpela, fisga a atenção e cativa a audiência. Afinal, aonde ela nos leva?

Como explicar o insistente coincidir de antíteses. Torna-se inexplicável, no imediatismo da imagem televisiva, à inteligência e à razão. A questão fica insolúvel sob o ponto de vista histórico.

Apenas fica tangível na dimensão a-histórica, iluminada pela transcendência de um Sujeito Absoluto: a Fatalidade do Real.

Raimundo representa a figura do professor, porém não é representativo. Consiste em um todo de características, retiradas de uma generalidade, que não possui uma singularidade de carne e osso. É o perfil do descrédito e do obsoleto, ideologizado pela "professora eletrônica" mais competente, para orquestrar a Ideologia Dominante, sobretudo, o Valor de Troca: a Televisão.

Bibliografia

1 MATTELART, Armand. **Multinacionais e Sistemas de Comunicação: Os Aparelhos Ideológicos do Imperialismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1976. p. 158.

2 PIOVEZAN, Walquíria Aparecida e SOLATO, Vera Lúcia. **Programa Infantil de Rádio: uma proposta de realização de programa para crianças entre 4 e 6 anos**. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, Universidade de Piracicaba, 1992. p. 74.

3 BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 213.

4 ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 87.

5 _____ Ibidem., p. 68.

6 _____ Ibidem., p. 106.

7 ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento - Fragmentos filosóficos**. 2.a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 135.

8 BARTHES, Roland. **Ensaio Crítico**. Lisboa: Edições 70, 1971, p. 263 - 265.

9 ANYSIO, Chico. "Chico Anysio vai fazer um programa aos sábados". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 de julho de 1990, Folha Ilustrada, p. 4.

10 _____, **Revista Careta**. São Paulo, nº 2734, 21 de julho de 1981, p. 31 -40.

11 PRADO, Lourenço de Almeida. "O que os professores pensam da TV". **Jornal Fio da História**, Brasília, 10 de fevereiro de 1992, p. 9.

12 VIDEO, cena gravada da audição da Escolinha do Professor Raimundo, da Rede Globo de Televisão, 6 de janeiro de 1993.

Roberto Ramos

Professor da FAMECOS e doutorando em Educação na PUCRS.